



Depressão na Medicina Veterinária

Profissionais contam suas histórias de vida ao CRMV-SC e desabafam sobre um problema sério na profissão: a Síndrome de Burnout
PÁGS. 4 A 9



INSCRIÇÕES ABERTAS

SEMINÁRIOS DE RT

MÓDULOS BÁSICO E AVANÇADO

ENTREVISTA

Em passagem por Florianópolis, o Presidente do CFMV faz um balanço da sua gestão. **PÁGINAS 10 E 11**

DESAFIO

Primeira mulher a assumir a Presidência da Cidasc fala sobre os desafios e projetos da sua gestão. **PÁGINAS 14 E 15**

DERMATO

As novas terapias que acabaram de chegar ao Brasil já estão sendo utilizadas em Santa Catarina. **PÁGINAS 24 E 25**

PALAVRA DO PRESIDENTE



Prezados Colegas

Abrimos este informativo com um assunto que infelizmente está crescendo na Medicina Veterinária: a Síndrome de Burnout. O sentimento de desvalorização profissional e a pressão diária favorecem o quadro. Nas próximas páginas alguns colegas contaram suas histórias de sofrimento e superação.

Esta edição traz também entrevistas com os novos Presidentes da Cidasc, a Médica Veterinária Luciane Surdi e da Somesc, Adil Knackfuss Vaz, que nos contaram sobre os desafios que assumiram. O Presidente do CFMV, Méd. Vet. Francisco Cavalcanti de Almeida, que esteve em Florianópolis no mês de maio também nos concedeu uma entrevista, fazendo um balanço da sua gestão.

Aproveito para mandar um grande abraço a todos os Zootecnistas que no último dia 13 de maio comemoraram o seu dia. Em homenagem a data, professores do curso da UFSC fizeram um concurso entre os acadêmicos para eleger o melhor artigo sobre a profissão. O texto do aluno vencedor está aqui. Convido a todos para que participem deste informativo, mandando sua sugestão de pauta ou seu artigo. Este espaço é seu! Um forte abraço.

MARCOS VINÍCIUS DE OLIVEIRA NEVES

Médico Veterinário - 3355/VP
Presidente - CRMV-SC

CRMV-SC MAIS PERTO DE VOCÊ!

NOS ACOMPANHE



O Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de Santa Catarina está presente nas principais plataformas digitais.

Para fazer parte da lista de transmissão do **WHATSAPP**, basta adicionar o número (48) 98839-4357, o próximo passo é salvar o telefone na lista de contatos e enviar o seu nome. Lembrando que este canal é exclusivo para o envio de notícias, sem interatividade.

INSTAGRAM:

www.instagram.com/crmvsc

FACEBOOK:

www.facebook.com/CRMVSC

EXPEDIENTE

INFORME CRMV-SC

Rodovia Admar Gonzaga, 755
3º andar - Itacorubi
Florianópolis/SC
88034-000
Telefone- (48) 3953-7700
www.crmvsc.gov.br
imprensa@crmvc.gov.br

DIRETORIA EXECUTIVA

PRESIDENTE: Méd. Vet.
Marcos Vinícius de Oliveira
Neves - CRMV-SC nº 3355
VICE-PRESIDENTE: Méd. Vet.
Roberto Luiz Curzel - CRMV-SC
nº 0720

SECRETÁRIA-GERAL:

Méd. Vet. Vanessa de Medeiros
Bonatelli - CRMV-SC nº 3533
TESOUREIRO: Méd. Vet.
Silas Maurício Cuneo Amaral -
CRMV-SC nº 0777

CONSELHEIROS EFETIVOS

Zootecnista Amir Dalbosco -
CRMV-SC nº 0026
Méd. Vet. Ederson Bisognin
Bortolotto - CRMV-SC nº 2503
Méd. Vet. Henry Antônio
Carlesso CRMV-SC nº 0494
Méd. Vet. Luiz Afonso Erthal
CRMV-SC nº 1770
Méd. Vet. Jorge Alberto G. da
Costa CRMV-SC nº 1541
Méd. Vet. Marcelo Henrique

Puls da Silveira CRMV-SC nº
1646

CONSELHEIROS SUPLENTE

Méd. Vet. Adil Knackfuss Vaz
CRMV-SC nº 1079
Méd. Vet. Eliana Renuncio
CRMV-SC nº 1793
Méd. Vet. Michel Tavares Q. M.
Assis CRMV-SC nº 2502
Méd. Vet. Pedro Jeremias Borba
CRMV-SC nº 0285

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Patrícia Rodrigues (DRT/SC
01058)



Seminários de RT

Depois de passar pelas cidades de Itapiranga, São Miguel do Oeste, Chapecó, Concórdia, Xanxerê e Campos Novos, o CRMV-SC dá sequência aos Seminários de Responsabilidade Técnica e Ética Profissional em outras seis cidades do Estado. A participação no Módulo

Básico é obrigatória ao menos uma vez a todos os profissionais que exercem RT e no Módulo Avançado a presença é exigida a cada dois anos.

O CRMV-SC alerta que a presença nestes eventos está vinculada à homologação da sua ART. Cada

participante deverá levar 3 quilos de alimentos não perecíveis no dia do evento.

O Módulo Básico será realizado das 14h às 17h e o Módulo Avançado das 18h às 21h. Inscrições estão abertas no site www.crmvsc.gov.br.

LAGES - 06/06 - CAV/UEDESC

Auditório Caverna - Av. Luiz de Camões, 2090 - Conta Dinheiro

CURITIBANOS - 07/06 - UFSC

Auditório do Cedup - Av. Advogado Sebastião Calomeno, s/n, Bairro São Francisco

TUBARÃO - 18/06 - UNISUL

Auditório do Salão Nobre - Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon

ORLEANS - 19/06 - UNIBAVE

Centro de Vivência - Rua Pe. João Leonir Dall Alba, 601, Bairro Murialdo

CANOINHAS - 25/06 - UNC

Audit. do Centro Administrativo - Distrito de Marcílio Dias, Rua Wendelin Metzger, s/nº

BLUMENAU - 26/06 - FURB

Audit. do Campus 1/ Bl. H - Prof. Pe. Orlando Maria Murphy, Biblioteca Universitária



Depressão na Medicina Veterinária

BANCO DE IMAGENS

Profissionais contam suas histórias de vida ao CRMV-SC e desabafam sobre um problema sério na profissão: Síndrome de Burnout

“Sempre estudei muito, fazendo cursos, participando de Congressos durante todos esses anos. Em 2015, quando engravidei do meu segundo filho, meu marido perdeu o emprego e eu era a única fonte de renda. Minha gestação foi difícil e na clínica os clientes não queriam saber como eu estava. Tinha horror só de pensar em ir ao trabalho, desenvolvi pânico. Cheguei num estágio que só levantava da cama para amamentar meu filho. Fui em psiquiatras, psicólogos e tomava os remédios. Mesmo assim, tentei suicídio algumas vezes, em uma delas quase consegui. Era uma pressão enorme, perdi clientes, amigos e parentes se afastaram. As pessoas não entendem o que acontece com a nossa cabeça, vi o preconceito e a ignorância em relação à depressão e ao suicídio. A última tentativa deixou uma cicatriz horrível. Com tratamento comecei a ficar forte e voltei ao trabalho. Ainda vou ao psiquiatra e faço terapia mesmo assim, às vezes tenho síndrome do pânico. A Medicina Veterinária nos suga, somos tratados como balconistas de farmácia e não como médicos” - Giovana () nome fictício, foto ilustrativa - São Paulo/SP*

Este é o relato de uma Médica Veterinária que não quis expor seu verdadeiro nome, mas aceitou dar um depoimento com o intuito de ajudar outros profissionais que enfrentam problemas como a Síndrome de Burnout, uma doença que se caracteriza como um distúrbio depressivo, acompanhado de extremo cansaço físico e mental relacionado com a pressão existente no ambiente de trabalho. Recentemente em Brasília, este foi um dos temas aborda-

dos durante o XXIV Seminário de Educação da Medicina Veterinária (Senemev). Na ocasião, o psicólogo Cloves Amorim (PUC-PR) falou sobre autocuidado, resiliência e zelo, pelo desenvolvimento de competências socioemocionais desde a vida estudantil. “Conversei informalmente com alguns profissionais, para saber sobre as experiências mais estressantes do dia-a-dia. Abandono e maus-tratos são fontes constantes de estresse, bem como a escolha do tutor pela

eutanásia”, comenta Amorim.

De acordo com o psicólogo, a prática regular de atividade física, reeducação alimentar, avaliar o consumo de álcool, tabaco e outras drogas são meios de evitar excessos, bem como técnicas que ajudam no equilíbrio mental e bem-estar, a exemplo de relaxamento, ioga e mindfulness. Amorim ressalta, ainda, a importância dos exames de rotina e da implementação de políticas de saúde do trabalhador nas empresas, bem como

uma avaliação com psiquiatra, psicólogo, clínico-geral ou médico do trabalho para obter o diagnóstico correto. “A falta dessa avaliação pode gerar um grau de desespero, depressão e dependência química que podem desencadear o suicídio, que para o sujeito é a busca por alívio imediato”, alerta Amorim.

O Médico Veterinário Kaleizu Rosa, Doutor em Ciências pelo Instituto do Coração da Faculdade de Medicina (USP), Master Coach pela Sociedade Latino-Americana de Coaching e palestrante nas áreas de cardiologia e desenvolvimento humano lida constantemente com o assunto. “A síndrome do Burnout é uma questão que precisa ganhar debate urgente na nossa classe. Estamos presenciando um aumento expressivo de

profissionais desgastados emocionalmente, desmotivados, sem estratégias para lidar com a cobrança do mercado. Vários inclusive, chegando ao extremo de tentar (e muitas vezes conseguir, infelizmente) tirar a própria vida, num ato desesperado de acabar com a dor”, afirma. O Burnout é descrito como uma doença relacionada ao trabalho pelo Ministério da Saúde brasileiro desde 1999, mas ainda há grande controvérsia sobre suas causas. Enquanto alguns especialistas defendem a teoria da “fadiga da compaixão”, que descreve o excesso de envolvimento emocional com o paciente/tutor, outros acreditam numa teoria alternativa, a dissonância emocional, na

“A Síndrome de Burnout é uma questão que precisa ganhar debate urgente na nossa classe”
KALEIZU ROSA

qual há uma regulação diminuída do processo emocional.

“Alguns aspectos tornam a classe veterinária um alvo fácil do Burnout. O animal de estimação se tornou um

membro da família nos lares brasileiros, mas a cultura de valorizar o profissional ainda não é tão comum. Isso cria uma dicotomia entre a cobrança imposta ao profissional versus o reconhecimento por todo seu esforço. Além disso, muitos profissionais se queixam de baixas remunerações, obrigando-os à carga de trabalho exaustiva. Há também, a falta de critério de entendimento do tutor quando se trata de pacientes terminais”, completa Kaleizu.

“Desde a faculdade tinha em mente que veterinário bem-sucedido era aquele que tinha a própria clínica. Meus pais me ajudaram a fazer o investimento e assumi uma clínica. Com o passar do tempo, a sobrecarga aconteceu, até o dia em que o corpo implorou que eu parasse, tinha crises de enxaqueca frequentes, fui internada por 6 dias. Minha necessidade de produzir era tão grande que aprendi a trabalhar mesmo sob efeito de tramal. Após pesquisas, nenhuma justificativa para a enxaqueca, o médico pediu pra que eu reduzisse o ritmo de trabalho. Tentaram entrar com ansiolíticos, mas preferi terapias alternativas que deram certo por um tempo. A segunda crise, veio junto com problemas financeiros, entrei num quadro de anorexia nervosa perdendo 7kg em um mês. Voltei a ser internada por mais 5 dias. O mesmo quadro se repetiu depois de 4 meses e fiquei 10 dias internada com o quadro de febre, trombocitopenia e leucopenia. Sem diagnóstico por parte dos infectologistas e hematologistas. Quando entendi que meu emocional estava fazendo com que meu corpo adoecesse, decidi fechar a minha clínica e a partir de então, os sintomas desapareceram. Hoje trabalho na área de dermatologia em uma clínica”. Érica Rivera Coimbra - São José dos Campos /SP



ARQUIVO PESSOAL

“Em 2007, aos 39 anos me formei. Como todos, saí da faculdade sem saber bem a prática e logo consegui um emprego numa clínica. Com uma semana neste emprego, o dono e veterinário queria que eu assumisse a clínica enquanto ele viajava de férias. O pânico tomou conta e não topei assumir esta responsabilidade, acabei saindo. No novo emprego, como plantonista num hospital veterinário, senti uma pressão maior, lembro que chorava no carro antes de entrar no trabalho, sentia pânico e desespero. Segui firme e fui amadurecendo na profissão, mas a depressão veio em menos de um ano, me sentia incapaz, preocupado em não saber o que fazer com algum paciente. Pois existem áreas que não dominamos. Me perguntava: foi isso que eu quis? Cinco anos de faculdade para isso? Hoje tenho minha clínica, lido melhor com situações difíceis, a depressão está controlada com o uso de medicamento contínuo. Sinto pressão todos os dias, por resolver os problemas do paciente, arcar com despesas da clínica, ser um profissional atualizado, é muita coisa. Sem falar quando perdemos algum paciente e nos sentimos culpados, e vem o sentimento de que poderia ter feito mais.” **Leonardo Barreto - Brasília/DF**



ARQUIVO PESSOAL



ARQUIVO PESSOAL

“Me formei pela PUC/MG em 2004 e vim sozinha para Florianópolis tentar o meu 1º emprego. Encontrei pessoas gentis, que me deram oportunidade e remuneração suficiente apenas para o aluguel, alimentação, transporte público e meu financiamento estudantil. Os anos foram passando, troquei de emprego duas vezes, mas a remuneração se limitava a manutenção da vida. Não escolhemos a veterinária para ganhar dinheiro e ser bem sucedido e aí nasceu minha primeira crença limitante. Meu pai dizia que o pasteleiro ganhava mais do que eu. Quando percebi, estava há mais de 10 anos formada sem ter construído ou adquirido algo ou feito uma pós-graduação.

Em 2016, assisti uma palestra sobre inteligência emocional e então busquei mais informações sobre assuntos que nunca antes tinham sido apresentados para mim. Desde então, uma nova visão se abriu. Hoje sou pós-graduada, investi em autoconhecimento e gestão de carreira, colho frutos do investimento acompanhado do grande crescimento da clínica na qual presto serviços. Digo aos colegas que conhecimento técnico não é nada sem autoconhecimento e sem inteligência emocional. Vivemos sob pressão diariamente. Não temos apoio psicológico, nem se quer temos dinheiro e tempo para terapia, não aprendemos a lidar com o ser humano na faculdade muito menos com nossos sentimentos. Vejo colegas adoecerem. Eu tive sorte, pois poderia ter acontecido o pior. Me valorizo e sou valorizada, aprendi a usar empatia que é um dos meus pontos fortes, hoje estou muito feliz e no auge na minha carreira.” **Méd. Vet. Tatiane Cristina Evangelista - Florianópolis**

“Tenho uma clínica veterinária há 10 anos em um bairro baixa renda. Fiz vários cursos e pós-graduação em patologia. Tudo começou quando não sentia retorno em tudo o que eu fazia, nem financeiro e nem emocional. Comecei a me sentir vazia e arrependida de não ter feito Medicina pois o retorno financeiro é infinitamente maior. Não sou o tipo de pessoa que quer gratidão, prefiro um trabalho bem feito e a grana no meu bolso. Há 3 meses fui processada por um cliente, entrei em depressão e estou tomando quatro psicotrópicos. Só fico melhor quando não vou trabalhar, pois não somos valorizados. A saúde da população está nas nossas mãos: produção de vacinas, alimentação, saúde pública, meio ambiente. Mas as pessoas nos vêem como mercenários que cuidam de cachorrinhos. A população não sabe, por exemplo, que os produtos de origem animal precisam ser inspecionados por nós antes de ir pra mesa deles. E somos diminuídos até na TV, em algumas novelas ou programas. E nós? Nós deixamos.” **Méd. Vet. Suzana Bento da Silva - Petrópolis/RJ**



ARQUIVO PESSOAL

Cuide de você!

- Seu corpo é o que lhe dá sustentabilidade. Sono de qualidade, exercício físico diário, alimentação balanceada, relaxamento/alongamento são estratégias infalíveis para se renovar fisicamente e imprescindível para a rotina de trabalho;

- Sua segurança vem do seu equilíbrio emocional. Invista em treinamentos de autoconhecimento, isso lhe ajudará a entender e expressar suas emoções e impor limites nos relacionamentos. Lembre-se: você é humilde para reconhecer que precisa se reciclar tecnicamente. Extrapolar essa humildade para

o campo de desenvolvimento pessoal, será de grande valia para ganhar reconhecimento profissional;

- Cuidar da mente, com atenção ao momento presente diminui muito a ansiedade excessiva à qual somos submetidos diariamente. A meditação é uma excelente dica para vivermos o aqui e agora, e precisa ser feita todos os dias;

- Reconhecer seus valores, seus pontos fortes é primordial para lidar com

críticas do dia-a-dia. Quando entender que errou, pratique a compaixão consigo mesmo. Você não é o seu erro. Afinal, como você trataria seu melhor amigo se ele estivesse chateado, admitindo que cometeu um erro profissional? Faça o mesmo com você!

- Todos temos necessidade de nos sentirmos significantes, em casa, nos relacionamentos afetivos e no trabalho. A melhor forma de suprir essa necessidade é a atenção a nossa espiritualidade.

Kaleizu Rosa - Médico Veterinário, Mestre em Fisiologia Cardiovascular, Doutor em Ciências, Master Coach pela Sociedade Latino-Americana de Coaching, Professor de diversos cursos de pós-graduação e de aprimoramento clínico veterinário, palestrante nas áreas de cardiologia e desenvolvimento humano.



Pesquisa: Mulheres estão mais propensas a desenvolver Síndrome de Burnout?

MULHERES X BURNOUT

Para que o Burnout seja diagnosticado é necessário situar o profissional dentro de ambiente de trabalho que apresente elementos propícios para o desenvolvimento de altos níveis de estresse e ansiedade. Os profissionais que estão mais propensos a desenvolverem a síndrome são aqueles que mais se dedicam e investem no seu trabalho. Quando um indivíduo escolhe uma profissão relacionada aos cuidados, seja de uma pessoa ou animal, a principal motivação é ajudá-lo a viver melhor, ser mais feliz e saudável. Na medida em que esses profissionais entram em contato com a sobrecarga de trabalho, insatisfação de clientes, poucos recursos materiais e desvalorização salarial, o seu trabalho torna-se uma fonte de insatisfação, desilusão e sofrimento. O Burnout ocorre como consequência da perda de um ideal.

VIÉS DE GÊNERO

Na Medicina Veterinária as mulheres só puderam exer-

cer legalmente a profissão em 1922. Atualmente, as mulheres dominam as salas de aula e compõem mais da metade do quadro dos profissionais ativos. No entanto, as profissionais continuam encontrando dificuldades para exercerem sua profissão de maneira plena. Muitas vezes, as mulheres acabam vítimas de doenças inerentes à sobrecarga da dupla jornada: o trabalho assalariado referente à profissão escolhida e o trabalho doméstico. Perante a sociedade, o trabalho doméstico continua sendo mistificado como uma vocação natural. O trabalho assalariado, realizado fora da esfera doméstica gera cobranças às mulheres e retornam em forma de discursos cruéis de incapacidade na realização de funções relacionadas à maternidade e aos cuidados com a casa e família. Existe um grande número de mulheres que têm ocupado lugares de destaque em suas carreiras profissionais, contudo,

“O Burnout ocorre como consequência de perda de um ideal. Quando o trabalho torna-se fonte de sofrimento”

mesmo com níveis de escolaridade superiores, a remuneração ainda é inferior a dos homens e são frequentes os relatos de mulheres que sofrem com a discriminação de gênero em seus ambientes de trabalho.

PESQUISA

Está aberta uma pesquisa que tem por objetivo analisar as vivências das médicas veterinárias no exercício de sua profissão. A análise desses dados irá contribuir para a hipótese apresentada, bem como proporcionar uma reflexão sobre as práticas e experiências, ajudando as profissionais a lidarem melhor com as questões pertinentes a sua profissão, questões sociais e familiares. Interessadas em participar da pesquisa podem entrar em contato através dos e-mails: psicologia@anclivepabrazil.com.br ou raquelrosa.psi@hotmail.com. A identidade dos participantes será protegida em todas as etapas da pesquisa.

Raquel Rosa de Oliveira - Psicóloga Clínica, Mestre em Psicologia, atua com foco as temáticas de mal-estar no trabalho, sofrimento psíquico e Burnout. Desenvolve estudos sobre as relações de Gênero e Trabalho no universo corporativo. Membro do grupo de pesquisas sobre a Saúde dos Trabalhadores (Grupo Techné/ UFRJ) e da equipe de psicologia da Anclivepa Brasil.



Qual a diferença entre Síndrome de Burnout e Fadiga por Compaixão?

Recente pesquisa realizada no Reino Unido mostrou que a taxa de suicídio entre Médicos Veterinários é quatro vezes superior que no restante da população e duas vezes superior que entre outros profissionais de saúde. No Brasil muitos profissionais desistem da carreira, assolados por dúvidas, inseguranças, frustração e decepção. Mas o que é tão específico na profissão do Médico Veterinário? Bem, lidamos com a morte cinco vezes mais que outros profissionais de saúde; independentemente de nossa especialidade provavelmente acompanharemos a morte de todos os nossos pacientes. Entretanto há muitos outros fatores; a falta de reconhecimento profissional, baixa remuneração, falta de espaço pessoal e o convívio com animais (e seus tutores) em sofrimento se somam podendo levar ao desenvolvimento da Síndrome da Fadiga por Compaixão e ao Burnout.

O termo Fadiga por Compaixão ainda é pouco conhecido no Brasil e geralmente é

confundido com o termo mais abrangente e popular Burnout. Afinal o que são e quais as diferenças? O Burnout é resultante da insatisfação geral e crônica com o ambiente de trabalho. O termo foi criado no início dos anos 90 na tentativa de entender o adoecimento emocional e psicossomático entre enfermeiros, entretanto rapidamente foi estendido a outros profissionais, sem explicar o adoecimento específico dos profissionais de saúde. Foi criado, então, o conceito de Fadiga por Compaixão, que abarca várias características do Burnout, mas também outras especificamente relacionadas ao trabalho de profissionais de saúde.

Ou seja, enquanto o Burnout trata da exaustão daqueles que trabalham com o outro em sofrimento. Assim, enquanto o Burnout é resultante da insatisfação com o ambiente de trabalho, a Fadiga

por Compaixão refere-se à exaustão emocional (com reflexos psicossomáticos) decorrente do trabalho com indivíduos em sofrimento; decorre do peso de se importar, do estresse de dispensar compaixão. A Fadiga por Compaixão é então definida enquanto “uma síndrome de exaustão biológica, psicológica e social que pode acometer indivíduos que liberam energia psíquica, em forma de compaixão, a outros seres (humanos ou animais) por um período de tempo, sem se sentirem suficientemente recompensados.”

Na prática, nós Médicos Veterinários temos compaixão tanto em relação aos nossos pacientes em sofrimento quanto em relação aos tutores. O que torna específica a Fadiga por Compaixão em nossa profissão é que

“A Fadiga por Compaixão é decorrente da exaustão emocional do trabalho com indivíduos em sofrimentos

temos defesas muito mais elaboradas para lidar com o sofrimento de outro ser humano do que com o de um animal.

Alexandre Bastos Baptista - Médico Veterinário e Psicólogo Clínico
É membro do Psiconvet - Estudos em Psico-Oncologia Veterinária. É Endocrinologista Veterinário, atuando em São Paulo, Alphaville e ABC e Webmaster dos sites endocrinologiveterinaria.com e psiconvet.org.



CFMV - Inovação e articulações bem-sucedidas marcam esta gestão

Em passagem por Florianópolis, durante a realização da Plenária de maio do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), o Presidente da instituição, Médico Veterinário Francisco Cavalcanti de Almeida fez uma avaliação sobre seu mandato, que iniciou em dezembro de 2017. Na ocasião falou sobre as articulações políticas que já resultaram em vitórias para a classe, adiantou algumas novidades como a cédula profissional digital, reforçou a preocupação do sistema em relação a qualidade do ensino e como o Conselho vem trabalhando na tentativa de barrar os cursos superiores a distância.



JOSEMAR ARAGÃO/DECOM-CFMV

✓ GESTÃO

Nossa campanha foi pauta da na inovação e na transparência e estamos trabalhando nesta linha. Assumimos com o objetivo de fortalecer o sistema, unindo e aproximando o Conselho Federal dos Conselhos Regionais de Medicina Veterinária. Analisamos a situação de alguns conselhos com mais dificuldades e estamos ajudando de diversas formas. Também fizemos uma revisão administrativa no CFMV, colocando as pessoas no lugar certo. Elaboramos um programa de cargos e salários justo, que hoje está homologado pelo Ministério do Trabalho, penso que todo

mundo ganhou com isso. O colaborador para o sistema é tudo, é ele quem conduz o dia-a-dia, essa equipe precisa estar preparada, satisfeita e consciente para vestir a camisa do CFMV. Também sanamos toda as dívidas trabalhistas, que somavam um valor muito elevado.

✓ ENSINO

Ficamos praticamente um ano e três meses nos organizando e este ano elegemos o ensino como nossa bandeira, vendo a Educação em todos os aspectos, não somente o presencial, mas combatendo o ensino à distância. No Brasil temos hoje 397 cursos de Medicina Ve-

terinária já autorizados pelo MEC, destes 14 são a distância. Para os cursos EaD o MEC destinou quase 48 mil vagas e para os presenciais são 57 mil. Essa quantidade de vagas nos preocupa, percebemos que a qualificação do profissional deixa a desejar. Recentemente realizamos o 24º Seminário de Educação da Medicina Veterinária com quase 200 participantes, entre eles coordenadores de curso. Nossa mensagem foi sobre qualidade. Não me preocupo com números e sim com qualidade, quero que a sociedade tenha um profissional a altura do que ele deseja.

✓ AUX. VETERINÁRIO

Em 2006, quando presidia o Conselho de São Paulo recebi uma demanda relacionada ao curso de auxiliar veterinário, questionando a possibilidade de registro deste profissional no Conselho, na época o processo foi encaminhado para o CFMV. Quando assumimos o Federal realizamos uma reunião com todos os Presidentes e este assunto foi retomado. Começamos a estudar a importância do auxiliar veterinário e então uma comissão analisou o processo até que baixamos uma resolução, não regulamentando, mas dizendo o que é um auxiliar veterinário. No documento colocamos o conteúdo que deveria constar no curso, com um tempo mínimo de 120 horas de aula teórica e 80 horas de aula prática. A resolução saiu e resultou numa quantidade imensa de questionamentos. Analisamos todas as dúvidas e esta resolução será republicada com uma dilatação de prazo de 90 dias entre o registro e emissão de uma cédula de identidade.

✓ CÉDULA DIGITAL E RECASTRAMENTO

No Congresso Brasileiro da Anclivepa deste ano anunciamos duas novidades: o recadastramento nacional e a cédula digital que serão lançados em setembro. O reca-

dastramento será realizado entre todos os profissionais inscritos no sistema e a nova carteira profissional será 100% digital. Seremos um dos primeiros conselhos profissionais a lançar esta versão, uma medida que irá representar economia de trabalho e material administrativo. Porém, o principal objetivo é oferecer praticidade, mas também não vamos abandonar a versão impressa. A busca de fazer mais por menos é irreversível e faz parte da inovação que vivemos.

✓ ARTICULAÇÕES POLÍTICAS

Estamos marcando presença no Congresso Nacional, na Câmara e no Senado discutindo projetos de lei que tramitam e afetam a Zootecnia e a Medicina Veterinária. Já pedimos cancelamento de uns, melhoramos outros e até elaborando projetos de lei para deputados. Tivemos uma vitória muito importante no Conselho Nacional de

“Estamos marcando presença no Congresso, Câmara e Senado, e já obtivemos algumas vitórias para a categoria”

de Saúde. Isso irá facilitar a aquisição de alguns produtos humanos que são controlados para que o profissional da Medicina Veterinária os utilize em seus procedimentos, como anestésicos, por exemplo.

Estamos agora viabilizando politicamente para que esta recomendação, nº 61, seja homologada. Quando isso acontecer a Anvisa terá um prazo de 180 dias para disciplinar, através de sua resolução, a inclusão destas bases como unidade de saúde. É uma grande vitória, o clínico veterinário é um agente de saúde em potencial. Junto ao MEC estamos pedindo para que o CFMV participe e opine na criação dos cursos de Medicina Veterinária, assim como dá este direito aos Conselhos de Medicina, Odontologia e OAB, por exemplo. Então porque esta distinção? Já tivemos uma reunião no MEC e pedimos formalmente para que qualquer criação de um novo curso tenha nossa participação. E ainda, depois de quatro anos tramitando no Conselho Nacional de Educação conseguimos, em fevereiro deste ano, aprovar as diretrizes curriculares. Agora, só está faltando a homologação do Ministro da Educação, também estamos nos articulando politicamente para que nestas diretrizes não conste a modalidade de ensino a distância.

“No Brasil são 397 cursos de graduação em Medicina Veterinária, destes 14 são na modalidade EaD”

Saúde, recomendando ao Ministro da Saúde que clínicas, hospitais, consultórios e ambulatórios veterinários sejam caracterizados como Unidades

Novo Presidente fala sobre os projetos para a Somevesc

Mestre em Saúde Animal (University of London), Doutor em Imunologia Veterinária (University of London), Pós-doutor (University at Buffalo, EUA), Professor visitante da University at Buffalo (EUA), Diretor Geral do CAV/UEDESC (2006-2010), atual Conselheiro do CRMV-SC e Co-autor do livro “Guia Bacteriológico Prático”. Esta é a bagagem do Médico Veterinário Adil Knackfuss Vaz, eleito o novo Presidente da Sociedade Catarinense de Medicina Veterinária de Santa Catarina (Somevesc) para a Gestão 2019-2022.



DIVULGAÇÃO

CRMV-SC - Quais serão as prioridades durante sua gestão?

Dr. Adil - Creio que a Somevesc está num bom caminho. A valorização dos Núcleos Regionais deve dar frutos, resultando numa maior integração entre si e com a Sociedade. Nosso maior objetivo é, através da união entre colegas e com os Núcleos,

valorizar cada vez mais nossa profissão, a tornando mais reconhecida pela sociedade e pelos usuários dos nossos serviços. Um outro objetivo é alertar constantemente contra a excessiva proliferação de cursos de Medicina Veterinária, em especial os ofertados, principalmente a distância. Esta é uma das formas de valorização

da profissão, pois acreditamos ser impossível a produção em massa de profissionais veterinários, como se pretende através dessa proliferação, sem uma queda substantiva na qualidade dos serviços que a população recebe.

CRMV-SC - E quais serão seus maiores desafios?

Dr. Adil - O desconheci-

mento do papel da Somevesc e dos Núcleos Regionais leva ao desinteresse na participação. É preciso vencer isto, através da presença da Sociedade nos Núcleos e no oferecimento de atividades de aperfeiçoamento profissional, como cursos, palestras, treinamentos, e talvez até mesmo cursos de pós-graduação oferecidos em parceria com instituições de ensino superior.

CRMV-SC - Em relação aos Núcleos Regionais, quais existem hoje? Há pretensão de aumentar este número?

Dr. Adil - Existem nominados no Estatuto da Somevesc onze Núcleos Regionais Associados:

- * Núcleo Regional do Vale do Itajaí;
- * Núcleo Regional do Vale do Rio do Peixe;
- * Núcleo Regional Sul;
- * Núcleo Regional Oeste;
- * Núcleo Regional da Grande Florianópolis;
- * Núcleo Regional do Planalto Norte;
- * Núcleo Regional do Alto Vale do Itajaí;
- * Núcleo Regional do Alto Uruguai Catarinense;
- * Núcleo Regional do Planalto Catarinense;
- * Núcleo Regional Litoral Norte;
- * Núcleo Regional Extremo

Oeste Catarinense.

Acreditamos que estes Núcleos abrangem suficientemente o território catarinense, não havendo necessidade de criar novos. O que acontece é que vários destes citados não estão ativos, não tendo se adequadamente ao novo Estatuto da Sociedade. É nossa intenção oferecer o apoio logístico para que os Núcleos se organizem e venham a participar cada vez mais da Sociedade.

CRMV-SC - O que a Somevesc pretende e pode fazer com o intuito de promover união entre a categoria?

Dr. Adil - Ao procurarmos lutar pela valorização do médico veterinário, queremos tornar este um ponto central do nosso trabalho. Quando os colegas se sentem participantes de um objetivo maior, a união é uma consequência. Em termos práticos, queremos promover eventos técnico-científicos a nível estadual e regional, dando oportunidade à capacitação profissional e ao conagraçamento social da nossa classe.

CRMV-SC - No que se re-

“Vamos alertar constantemente contra a excessiva proliferação de cursos de Medicina Veterinária”

fere a eventos técnicos, como Congressos ou Seminários, alguma previsão?

Dr. Adil - De imediato promovemos um evento em Florianópolis sobre a pre-

sença de cães nas praias. Este assunto é muito atual, devido à recente tramitação de uma lei municipal - por enquanto suspensa - que regulamentava esta questão. Eventos como esse deverão ocorrer em outros locais do Estado, com temas dedicados a problemas regionais, escolhidos pelos Núcleos. Estamos também estudando a realização de um evento bi-anual, de alcance estadual, mas ainda queremos a opinião dos Núcleos e da Diretoria da Somevesc em relação a este.

CRMV-SC - Para setembro, mês do Médico Veterinário, a Somevesc já tem planos?

Dr. Adil - Certamente será realizado o tradicional jantar de comemoração, em data e local ainda a ser definido. Buscaremos ainda colocar a presença da Somevesc e da profissão veterinária em destaque em órgãos da imprensa, chamando a atenção para nosso dia.

A 1ª mulher na Presidência da Cidasc e seus desafios

JAQUELINE VANOLLI



Pela primeira vez na história da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola do Estado de Santa Catarina (Cidasc) uma mulher assume a Presidência. A Médica Veterinária Luciane de Cássia Surdi, que há 33 anos atua na Cidasc, fala sobre o maior desafio profissional da sua vida. Luciane foi Vice-Presidente do CRMV-SC (2014/2017), coordenadora da Área Animal da Regional da Cidasc de Chapecó e durante 21 anos foi responsável pelo Laboratório Regional de Diagnóstico Animal da Cidasc/Chapecó, quando também já respondia pelo Programa Nacional de Sanidade Avícola (PNSA) na mesma regional. Foi Presidente do Núcleo Oeste de Médicos Veterinários de Santa Catarina (Nucleovet) em 2004 e a primeira Delegada da Regional de Chapecó do CRMV-SC, em 2009, cargo que voltou a ocupar na atual gestão.

✓ DESAFIOS

O maior desafio é a manutenção do nosso status sanitário de Zona Livre de Febre Aftosa sem Vacinação e Zona Livre de Peste Suína Clássica. Outra meta é completar o quadro de vagas de Médicos Veterinários e Auxiliares Operacionais - Barreiristas, já que a segunda parte da contratação foi cancelada pelo governo passado. Precisamos repor estes profis-

sionais e fortalecer a defesa agropecuária. O sistema de defesa agropecuária funciona o ano inteiro, 24 horas por dia e 7 dias por semana para garantir um dos maiores patrimônios do estado: a sanidade agropecuária de Santa Catarina.

✓ FEBRE AFTOSA E SUSPENSÃO DE VACINA NO PARANÁ

A suspensão da vacinação contra a febre aftosa no Pa-

raná exige algumas estratégias e estamos alinhando este novo panorama. Vamos nos organizar de forma conjunta, penso que deverá haver uma nova legislação para isso. Será necessário regulamentar a questão do ingresso de bovinos em nosso Estado, até porque Santa Catarina trabalha com o SRBOV, um sistema de rastreabilidade bovina e bubalina. Outras regiões terão que atender a nossa legislação para que

bovinos entrem aqui. O Estado pode ser mais restritivo que a legislação federal, esse será um critério a ser analisado junto com a Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca e com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) para avaliar de que forma vamos regulamentar este ingresso a partir das mudanças no nosso Estado vizinho.

✓ BRUCELOSE – UMA PREOCUPAÇÃO NOS REBANHOS LEITEIROS

A Cidasc está empenhada em eliminar a brucelose e tuberculose dos rebanhos do Estado de Santa Catarina e reduzir as perdas de produtividade no campo.

Estamos trabalhando muito em cima da brucelose, uma vez que outros Estados obrigam o uso da vacina B 19 e em Santa Catarina esta vacina é proibida. Aqui é autorizada somente a vacina RB 51, porque não interfere no exame dos animais. Temos que dar um passo a mais e pensar noutro diferencial para Santa Catarina. A brucelose é uma zoonose causada pela bactéria *Brucella abortus*, está presente nos nossos rebanhos leiteiros, podendo ocasionar aborto e queda na produção de leite.

✓ AGILIDADE, PARCERIA E MOTIVAÇÃO

Como Médica Veterinária venho de uma área muito focada na questão animal. Agora surgiu um universo muito maior, que exige conhecimento de todos os progra-

mas e atividades, não só na área técnica, mas nas áreas de apoio à agropecuária, financeira, administrativa e gestão de pessoas.

Quero cuidar da Cidasc como a minha casa, criando um ambiente de trabalho favorável a todos os funcionários, administrando os conflitos. Uma equipe satisfeita com seus gestores, parceiros e colegas de trabalho garantem outro rendimento. Eu tenho pedido em todas as reuniões para que sejam ágeis, não deixar para amanhã o que pode ser feito hoje. O produtor precisa que a gente atenda com rapidez e eficiência, fazendo com que se cumpra a legislação. O produtor deve conhecer o trabalho da Cidasc e entender porque ele está sendo penalizado, se for este o caso. Se alcançamos hoje este status sanitário de excelência em sanidade agropecuária, muito devemos a ele.

✓ CEASA, EPAGRI E CIDASC

O Secretário de Agricultura está tratando as três empresas vinculadas à secretaria: Ceasa, Epagri e Cidasc como uma holding. Para isso, ele realiza reuniões semanais com as respectivas diretorias ou com presidências. O trabalho em equipe é muito importante, seja no nível operacional ou no estratégico, buscamos formar um time que trabalhe em conjunto pela agricultura catarinense, queremos o fortalecimento do agronegócio.

As três empresas se inte-

gram naturalmente, assim, visamos multiplicar o melhor de cada uma unindo esforços e, conseqüentemente, poupando recursos.

✓ NOVOS PROJETOS EDUCACIONAIS

Desde 2015, quando iniciamos o Projeto Sanitarista Junior, atingimos mais de 10 mil crianças em 135 escolas catarinenses. Este trabalho de educação sanitária permite que os futuros herdeiros das terras de Santa Catarina possam conhecer e vivenciar o cotidiano de uma propriedade rural. Não são apenas as crianças que se envolvem no dia-a-dia da escola, a comunidade local também educa e participa de forma maciça de tudo. Contamos com produtores parceiros, que recebem as nossas crianças e mostram na prática como é o trabalho de um produtor rural. Em 2020 vamos dar início a dois novos projetos nesta área: o Projeto Sanitarista Sênior voltado aos produtores rurais, abrangendo temas como doenças de notificação obrigatória, pragas quarentenárias, uso correto de insumos agrícolas, rastreabilidade, inspeção sanitária de produtos de origem animal. Outra novidade, também para 2020, será o Projeto Educação Sanitária nas Universidades, que irá falar sobre a defesa agropecuária, direcionado aos cursos de Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia das universidades federais, estaduais e particulares com aulas teóricas e práticas nas universidades cadastradas.

Do agronegócio de precisão à agricultura de decisões

Vivemos em uma civilização intitulada como contemporânea. Contudo, o desenvolvimento atual, no contexto agrário brasileiro e mundial, se deve a descobrimentos alcançados nos primórdios, do Paleolítico ao Neolítico, passando pela Idade dos Metais, até chegar a Idade Moderna e a atual, conhecida como Era Digital. Nesse grande anfiteatro montado, de cenários totalmente adversos, mas que de certa forma se completam, observamos o desenvolvimento rural brasileiro.

No início, a caça e coleta, e uma vida nômade, logo depois, no período da Pedra Polida, a gênese da domesticação animal e agricultura, passando pelo desenvolvimento tecnológico, caracterizado pela fabricação de ferramentas, até a contemporaneidade, particularizada pela evolução maquinária, biotecnológica e gerencial, que ensejou um quadro perspectivo factual, chamado agronegócio. Assim, nessa compreensão prospectiva, está presente o Zootecnista. Nesse ínterim, o Zootecnista

surge como um profissional que está capacitado e motivado a gerenciar os meios de produção, moldados durante as evoluções decadais, nas quais estão englobadas, as áreas de nutrição, melhoramento genético, e manejo do tripé: solo, animal e humano. No entanto, temos especificidades e campos crescentes de atuação, sendo estas as questões relacionadas com o bem-estar animal, gestão, elaboração de princípios e ideias diferenciadas de instalações e modos de produção, que engolfem aos ideais futuristas e reducionistas, do conceito de desenvolvimento sustentável da atual sociedade.

O Zootecnista busca maneiras de produzir alimentos com mais segurança, tendo como enfoque, a multifuncionalidade da agricultura e pecuária, observando o agronegócio, ou mesmo a Agricultura Familiar, como um sistema que está entrelaçado com questões ambientais, econômicas,

e também sociais. Outro grande obstáculo é a acentuação das mudanças climáticas, sendo esta uma referência, de forte peso nas decisões e práticas diárias não exclusiva dos mesmos, mas um fator que vem impactando toda a cadeia micro e macroeconômica.

Em vista disso, o Zootecnista está a todo momento preocupado com a qualidade de vida da população, não apenas rural, mas também urbana. Desse modo, busca otimizar progressivamente, os sistemas de criação para um viés menos invasivo, e que não traga adversidades futuras. Assim, temos o Zootecnista em ascensão, que comemorou em 13 de maio de 2019 seus 53 anos de busca pelo fortalecimento, desenvolvimento e crescimento da relação urbano e rural, para que

“O Zootecnista busca maneiras de produzir alimentos com mais segurança, com foco na multifuncionalidade da agricultura e pecuária”

estas duas dimensões, que hoje fazem parte da globalização, progredam juntas para um futuro próspero.

Com este artigo, o acadêmico da 4ª fase do curso de Zootecnia da UFSC, Danrlei Dräger, ganhou um concurso interno realizado para o Dia do Zootecnista. O intuito de um grupo de professores da Universidade era propôr, desde academia, uma reflexão sobre a profissão que escolheram. Danrlei ganhou a inscrição no Congresso Brasileiro de Zootecnia (ZOOTEC) que será realizado em agosto na cidade de Uberaba, MG.



Equinos - Seres sencientes e muito atentos aos sons

Assim como os seres humanos, os equinos são sencientes e usam os sentidos para criarem suas percepções com relação ao mundo. A forma como eles são capazes de usar o sistema sensorial varia individualmente, por isso, cada cavalo é único. Desta forma, entender como os equinos interagem com o ambiente e com o ser humano é fundamental para escolha de um manejo ideal. Alguns minutos perto de um equino são suficientes para notar que eles são animais bastante atentos. Os cavalos podem diferenciar os tons das nossas vozes e mexer as orelhas de forma independente uma da outra, detectando de onde vêm os sons. Eles percebem os odores de uma ameaça a dois quilômetros de distância e um garanhão percebe o cio de uma égua a 200 metros dele.

Os pelos longos ao redor dos olhos, boca e nariz (vibrissas) são importantes estruturas sensoriais, que auxiliam os equinos a investigar objetos e interagir com outros seres; também auxiliam a visão, uma vez que os equinos possuem visão monocular lateral, não enxergam diretamente abaixo do focinho e precisam das vibrissas para perceber a distância, a forma e a textura dos objetos. Os equinos têm seu maior campo de visão mo-

nocular nas laterais, estreita visão binocular à frente, visão marginal nas laterais-caudais e duas áreas cegas, abaixo do focinho e atrás no corpo; por isso movem orelhas e pescoço em direção a movimentos laterais e caudais, e se não conseguirem processar a informação, podem escoicear.

A identificação das cores também é peculiar, pois diferenciam amarelo e azul, mas têm dificuldade com vermelho e verde. Quanto ao paladar, os cavalos preferem o doce, mas também percebem o salgado e o amargo; preferem plantas jovens e identificam coisas comestíveis. A língua também possui o sentido do tato, sendo bastante sensível a estímulos mecânicos. Outras áreas muito sensíveis são o focinho, a boca, os olhos, as vibrissas, as orelhas, a região costal ventral anterior, a virilha e os cascos, que mesmo rígidos, são ricos em receptores mecânicos, térmicos e sensíveis à dor. Com os sentidos aguçados, os cavalos registram suas “opiniões” sobre nós baseados em sucessivas experiências, desde as observações de como a mãe reage à presença do humano até qualquer fato da vida adulta, passando por todo

“Entender como os equinos interagem com o ambiente e com o ser humano é fundamental para a escolha de um manejo ideal”

manejo diário, da contenção quando potro, desmame, terapias profiláticas, castração, doma, treinamentos, até a simples forma de ser alojado, alimentado ou

medicado; tudo conta para formar a personalidade do cavalo. Assim, as práticas de manejo devem sempre considerar o ponto de vista e a percepção dos equinos. Médicos Veterinários e Zootecnistas têm conhecimentos fundamentais sobre etologia, sistema sensorial, fisiologia, nutrição, instalações, alimentos, entre outros que formam a base para a compreensão e promoção do bem-estar animal; seja quando estão atuando diretamente com os equinos ou orientando sobre boas práticas de manejo.

Denise Pereira Leme, Médica Veterinária, mestrado e doutorado em Reprodução Animal, professora do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural, orienta pesquisas na área de bem-estar de Equinos pelo Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas do Centro de Ciências Agrárias da UFSC - Coordena o projeto de Boas Práticas de Manejo em Equideocultura em parceria com o MAPA.

Alerta: riscos de contaminação com produtos veterinários em linhas de produção de rações para aves e suínos

O diagnóstico de medicamentos veterinários como carry-over e contaminantes em linhas de produção de rações para aves e suínos foi a defesa do Auditor Fiscal Federal Agropecuário (AFFA) André Barbosa da Silva feita durante a realização do seu mestrado profissional sob orientação do Prof Dr Ivan Bianchi no Programa de Pós-Graduação em Produção e Sanidade Animal no Instituto Federal Catarinense (<http://ppgpsa.ifc.edu.br/>).

Ao trabalhar por nove anos na área de alimentação animal, André, que hoje atua no Lanagro de Santa Catarina, teve a ideia de pesquisar sobre tema ao constatar, durante as fiscalizações e auditorias, que os controles implementados pelas empresas no uso de medicamentos de uso veterinários via alimentação animal eram muito frágeis. Além dessa observação, havia relatos de responsáveis técnicos das empresas sobre dificuldades na execução da validação de limpeza das linhas de produção. Ou seja, não conseguiam limpar corretamente a linha de produção após o uso de medicamentos, conforme preconiza a legislação.

Atualmente a legislação requer que o produto para alimentação animal fabricado após um produto com medicamento, possua

no máximo 1% da dose de medicamento utilizada, este residual é chamado de "carry-over". No entanto, este limite de 1% não possui nenhuma base científica.

"Sabendo que o carry-over é importante tanto no controle da resistência aos antimicrobianos como na possibilidade de resíduos de medicamentos nos produtos de origem animal oriundos dos animais que consumiram estes alimentos, a concentração de 1% é alta ou baixa? Objetivando chegar nesta resposta, pensei que o primeiro passo seria verificar a real situação do carry-over das rações fabricadas", destacou. Como temia, os resultados das análises ficaram além do limite estabelecido pelo MAPA. Por conta disso, como recomendação, André e seu comitê de orientação, sugeriram uma revisão da atual legislação, com implementação de maior rigor na apresentação dos estudos de qualidade da mistura para concessão das autorizações para uso de medicamentos na fabricação de rações para alimentação animal.

A dissertação de mestrado, disponível em <<http://ppgpsa.ifc.edu.br/tcc-dissertacoes/>> realizada com a autorização e apoio do MAPA

"O uso prudente de antimicrobiano contribuirá para evitar problemas maiores como as superbactérias, por exemplo"

foi encaminhada à Binagri (Biblioteca Nacional de Agricultura) por meio da Enagro (Escola Nacional de Gestão Agropecuária).

"O fato é que as bactérias podem desenvolver me-

canismos de resistência aos antimicrobianos e o uso inadequado destes medicamentos na pecuária pode ser um dos promotores desta situação. Constantemente vemos notícias de superbactérias em hospitais, portanto, o uso prudente e adequado de antimicrobianos contribuirá para evitar problemas maiores", destaca o AFFA. Ele destacou que muito trabalho tem sido feito pelo MAPA para mitigar o problema da resistência aos antimicrobianos, destacando o trabalho da AFFA Suzana Bresslau, responsável pelo Programa Nacional de Prevenção e Controle da Resistência aos Antimicrobianos na Agropecuária.

Autores:

André Barbosa da Silva, Zootecnista, MSc., Auditor Fiscal Federal Agropecuário (AFFA)

Ivan Bianchi, Médico Veterinário, Dr., Programa de Pós-Graduação em Produção e Sanidade Animal (PPGPSA), Instituto Federal Catarinense Campus Araquari

Bioética e Bem-Estar Animal: disciplinas a serem incentivadas

Pesquisa realizada em 2016 na Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) e publicada em 2018 na Revista Brasileira de Bioética concluiu que o ensino da Bioética e do Bem-Estar Animal nas faculdades de Medicina Veterinária do Brasil ainda não contemplava satisfatoriamente as recomendações de instituições nacionais e internacionais sobre o assunto. Em relação à Bioética, os autores destacam inicialmente a existência da Resolução n. 1 do Conselho Nacional de Educação CNE/CES, vigente desde fevereiro de 2003, que recomenda expressamente a necessidade de abordagem dos princípios bioéticos na formação do médico veterinário.

Contudo, mesmo após 16 anos de vigência desta legislação, dos 158 cursos de Medicina Veterinária que tiveram seus currículos pesquisados, encontrou-se apenas 13 (8,22%) que ofertavam a disciplina Bioética separadamente e 18 (11,39%) que a ofertavam juntamente com Bem-Estar Animal, totalizando 31 (19,62%) cursos com a disciplina. Considerando-se a Diretriz do CNE, os autores estimam que os resultados ficaram bastante aquém do desejável para contemplar as metas da

formação profissional em Medicina Veterinária em Bioética.

Em relação ao Bem-Estar Animal, os autores descrevem as orientações emitidas pela Organização Internacional de Saúde e Bem-Estar Animal (OIE) que, nos anos de 2012 e 2013, recomendou ao estudante de medicina veterinária a aquisição de conhecimentos sobre bem-estar animal e suas respectivas normas, bem como o desenvolvimento de suficiente capacitação para identificar a existência de eventuais problemas sobre o tema durante suas atividades. Entretanto, um fato positivo que merece destaque foi a iniciativa do Conselho Federal de Medicina Veterinária de introduzir orientações aos seus profissionais sobre Bem-Estar Animal no teor do último Código de Ética, em vigor desde 2016. Porém, nos resultados do estudo, os autores encontraram somente 92 (58,22%) faculdades com a disciplina de Bem-Estar Animal presente na grade curricular.

“Autores do estudo encontraram somente 92 faculdades que oferecem a disciplina de Bem-Estar Animal”

Os autores também fizeram um estudo por regiões. No Sul, por exemplo, havia 3 (7,32%) faculdades que ofertavam a disciplina

na de Bioética, 28 (68,29%) Bem-Estar animal e 4 (9,76%) ambas. Em Santa Catarina destaca-se a Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) por estar entre as 25 escolas do Brasil que ofereciam ambas as disciplinas, mesmo que às vezes associada a outras. Por outro lado, em 60 (37,97%) escolas não foi encontrado registro da existência das disciplinas Bioética e Bem-Estar Animal na grade curricular disponibilizada, fato que demanda a necessidade de reflexão e medidas de incentivo por parte dos responsáveis e órgãos fiscalizadores.

A pesquisa foi desenvolvida pela Médica Veterinária e mestre em Biociências e Saúde Dra. Daiana Uliana com a orientação dos Professores do mestrado em Biociências e Saúde da Universidade do Oeste de Santa Catarina Diego de Carvalho e Elcio Luiz Bonamigo. O artigo resultante desta pesquisa está disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rbb/article/view/20619/19015>.

Autores

Daiana Uliana, Diego de Carvalho e Elcio Luiz Bonamigo

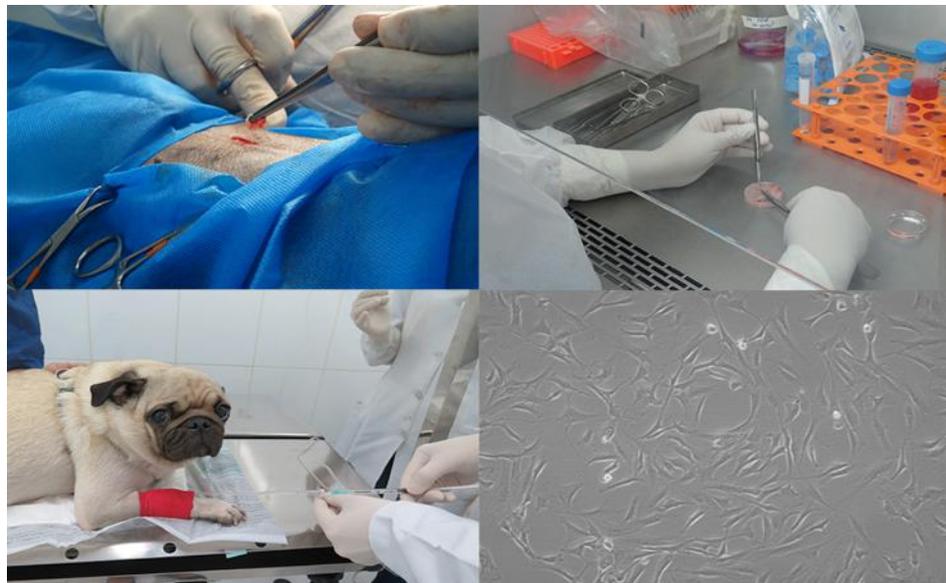
Programa de Pós-Graduação em Biociências e Saúde
(UNOESC - Joaçaba)

Pesquisadoras da UFSC apresentam resultados de terapia com células-tronco

Nos últimos 20 anos, deu-se uma atenção considerável para a pesquisa sobre a biologia das células-tronco. Como resultado, verificou-se um aumento significativo na compreensão de suas características e, ao mesmo tempo, o potencial terapêutico para a sua aplicação em diferentes áreas, incluindo a medicina veterinária. Enquanto em seres humanos a utilização dessas células ainda é considerada experimental, exceto em transplantes de medula óssea e para o tratamento de regeneração da pele, na medicina veterinária o número expressivo de doenças em animais já tratadas fornece uma base substancial para avaliar a eficácia da terapia celular.

Essa terapia tornou-se uma possibilidade viável para tratamentos ou, diretamente como adjuvante, de uma série de lesões e doenças até então sem cura. Baseia-se na utilização de fontes acessíveis de células-tronco alógenas ou autógenas, ou elementos secretados pelas células como o secreto-ma, adquiridos de fragmentos da pele, do tecido adiposo ou do dente.

No campo da medicina veterinária, as células-tronco mesenquimais (CTMs), isoladas da medula óssea ou de tecido adiposo (ADSCs), através de manipulação minimamente invasiva, já foram aplicados para



Procedimentos de coleta, isolamento, cultivo, caracterização e aplicação de células-tronco mesenquimais do tecido adiposo de cães para terapia celular

o tratamento de hipoplasia de medula, injúria renal aguda ou insuficiência renal crônica, falhas ósseas, osteoartroses, doenças autoimunes, sequelas da cinomose, traumas medulares, ceratoconjuntivite seca, úlcera de córnea, dermatite atópica, lesões tendíneas e ligamentosas. A habilidade de responder a lesões e reparar tecidos é uma propriedade fundamental dos organismos multicelulares, mas há uma diversidade em relação a como estes processos ocorrem em cada espécie animal. O reparo pode ocorrer através da regeneração tecidual, ou seja, com a recomposição da funcionalidade do tecido ou órgão, ou pela cicatrização, com o restabelecimento da homeostasia do teci-

do com perda da sua atividade funcional. Assim, a terapia com CTMs tem o objetivo de promover uma melhor qualidade de reparo tecidual em diversas patologias. Além disso, as CTMs têm efeito positivo nas doenças autoimunes através de suas propriedades imunomoduladoras, que levaram a considerar seu uso para inibir as respostas imunes. Baseado em estudos propostos na medicina humana, a medicina veterinária também busca recursos que atendam rapidamente e auxiliem

Essa terapia tornou-se uma possibilidade viável para uma série de lesões e doenças até então sem cura

nos tratamentos tradicionais de seus pacientes.

Na UFSC, o Laboratório de células-tronco e Regeneração Tecidual (LA-

CERT) dedica-se há quase vinte anos ao estudo dos aspectos celulares e moleculares envolvidos na diferenciação, sobrevivência, senescência, proliferação e renovação de células-tronco.

Os trabalhos desenvolvidos com células humanas e animais buscam compreender também, o papel do microambiente nestes processos celulares com abordagem relacionada à Engenharia de Tecidos e à Medicina Regenerativa. Os trabalhos envolvem pesquisas básicas, pré-clínicas e clínicas, entretanto, há dois anos, devido à crescente demanda, o LACERT tem desenvolvido em conjunto com veterinários pesquisadores e médicos veterinários de clínicas de Florianópolis e região, uma parceria para a utilização de células-tronco derivadas do tecido adiposo para tratamento de casos clínicos já comprovados cientificamente, na área de pequenos animais.

Dentre os pacientes tratados, cita-se o caso do Bartô, um cão da raça PUG, 4 anos de idade, com diagnóstico de anemia arregenerativa autoimune. De acordo com o relato da proprietária Julia Hoff Pacheco - "O tratamento com células-tronco foi sugerido após nove meses de uma busca emocionalmente desgastante atrás da cura do Bartô. Busca essa, que envolveu quatro transfusões e muitos exames de sangue".

Uma das áreas em que mais se utiliza a terapia com células-tronco na rotina veterinária é a ortopédica, sendo que na

"O LACERT vem utilizando células-tronco derivadas do tecido adiposo para tratamento de casos clínicos de pequenos animais"

traumatologia, uma das grandes complicações é a pseudoartrose que significa "falsa articulação", pois a não união dos fragmentos de uma fratura

leva à formação de uma pseudocápsula com sinóvia e líquido sinovial. A pseudoartrose é classificada em dois tipos principais: (1) hipertróficas ou hipervasculares e (2) atróficas ou avasculares. A primeira tem como principal causa o movimento no foco de fratura, e a última, a falta de condições biológicas locais para a consolidação óssea. Nas pseudoartroses hipertróficas, o tratamento visa a melhora da estabilização da fratura, seja com gesso, órteses, osteossínteses ou fixadores externos, mas é na pseudoartrose, tipo atrófico, que se tem maior aplicabilidade das células-tronco com excelentes resultados. Sabe-se que a consolidação

tem três fases: I) inflamação - na qual existe a infiltração de leucócitos que determina a quimiotaxia de células-tronco mesenquimais e fibroblastos que se diferenciarão em osteoblastos; II) reparação - na qual há formação de um calo mole (tecido conjuntivo frouxo-fibroblastos) e, em seguida, o calo duro (tecido ósseo imaturo); e III) remodelação -

na qual se forma o tecido ósseo maduro. Assim, as células-tronco interferem positivamente nas duas primeiras fases.

Já para a osteoartrose, uma doença óssea dolorosa que causa claudicação em cães principalmente os idosos e de grande porte, devido a degeneração da cartilagem que reveste as articulações, a utilização de células-tronco visa a melhora da qualidade de vida através de suas características imunomoduladoras e imunossupressoras e por apresentarem efeitos anti-inflamatórios.

Apesar da variação das respostas entre os animais, muitos pacientes já foram submetidos a terapias celulares com o uso das células-tronco mesenquimais, e até hoje não foi registrado nenhum efeito adverso. Isso atesta a segurança dessa terapia e aumenta ainda mais as expectativas terapêuticas.

Esta área da biotecnologia certamente é um grande avanço clínico mundial e aumenta a qualidade de vida dos pacientes das clínicas veterinárias e diminui o custo de tratamentos de saúde ao longo da vida.

"Esta área da biotecnologia é um grande avanço clínico mundial e aumenta a qualidade de vida dos pacientes"

AUTORAS:

Dra. Débora Cristina Olsson
Médica Veterinária
Professora- Lacert-UFSC

Dra. Andréa Gonçalves Trentin
Bióloga - Prof. Coordenadora
Lacert/UFSC

Dra. Bianca Luise Teixeira
Bióloga-Pós.Doc Lacert/ UFSC

Javalis: um risco para as cadeias produtivas comerciais



O javali (*Sus scrofa*) é considerado uma das 100 piores espécies invasoras no mundo, principalmente por problemas econômicos como ataques em lavouras e por ser reservatório de doenças humanas e de animais domésticos, e ambientais como alteração da vegetação nativa, predação de espécies e dispersão de ervas daninhas. Foi introduzido no Brasil nos anos 90, trazido clandestinamente do Uruguai e da Argentina. O interesse pela produção de javali para corte deu início a um comércio estruturado com matrizes já existentes no país e importações de grandes quantidades de javalis puros da Europa. Formou-se então um grande estoque da espécie em cativeiro, se espalhando por alguns Estados devido a trocas e vendas de animais vivos entre produtores. Porém, em 1998 a Portaria nº 102/98 (IBAMA) proibiu a implantação de criadouros de javalis no Brasil; depois a IN nº 169/2008 estabeleceu prazo de três anos para os criadouros encerrarem suas atividades (prorrogado pela IN nº 07/2010 até 01 de março de 2013). O fator da proibição da criação, aliado ao desinteresse econômico da atividade, resultou na soltura destes animais na natureza por parte de alguns criadores, determinando a disseminação da espécie pelo estado e pelo Brasil afora. Em Santa Catarina o controle populacional (caça) destes animais foi autorizada pela primeira vez em 2007, sendo que alguns Estados já haviam legalizado esta prática. Em 2013, foi publicada a IN IBAMA nº 03, que declarou a nocividade do javali (*Sus scrofa*) que vive em liberdade, recentemente foi atualizada pela IN nº 12 de 25 de março deste ano. Santa Catarina possui suas próprias normas visando o controle de javalis, que são as Portarias da Secretaria de Agricultura e da Pesca nº 20/2010 e a nº 003/CPMA/PMSC/2017, da Polícia Militar Ambiental. O MAPA publicou em abril passado uma pesquisa revelando que os javalis estariam presentes em 22 dos 27 Estados. Em SC, estariam presentes principalmente nas regiões serrana e Oeste. No Oeste, onde está metade do rebanho bovino e quase 80% de suínos de todo o Estado, os javalis representam risco eminente de contato entre estes animais de vida livre com os rebanhos comerciais.

✓ O JAVALI E A SAÚDE PÚBLICA E ANIMAL

Os javalis, javaporcos ou suídeos asselvajados podem ser reservatórios ou infectados com diversas doenças virais, bacterianas e parasitárias, podendo transmiti-las aos re-

banhos comerciais. Podem transmitir agentes zoonóticos importantes, tais como brucelose, tuberculose, hepatite E, triquinelose, toxoplasmose, leptospirose, dentre outras. Aos suínos domésticos e outras espécies podem disse-

minar PRRS, Aujeszki, peste suína clássica, peste suína africana, febre aftosa, etc. Atualmente estão envolvidos diretamente ou diagnosticados em surtos de Peste Suína Clássica no Japão e Rússia e com a Peste Suína Africana

no leste europeu e na China. No Brasil, a condição sanitária dos javalis em vida livre é praticamente desconhecida, com poucos estudos publicados até o momento. Controladores voluntários fazem coletas de sangue deste animais, entregando-as aos serviços veterinários oficiais em alguns estados, como Santa Catarina. Esta atividade faz parte da manutenção do status de “Livre de Peste Suína Clássica” que este estado possui desde 2015. A partir destas alíquotas de soro a Embrapa Suínos e Aves conduz as mais diversas pesquisas no país.

BIOSSEGURANÇA

Em situações de produção com baixa biossegurança, os javalis podem sentir-se atraídos pela exploração devido à presença de porcas em cio ou pela disponibilidade de alimento fácil. Ainda que exista barreiras que impeçam de forma eficaz o contato direto entre porcos e javalis, a transmissão ainda pode ocorrer por via aerógena ou por introdução de alimentos ou fômites contaminados. Na suinocultura brasileira apenas as granjas de suínos destinados à reprodução ou centrais de coleta, venda e/ou distribuição de sêmen possuem normativa oficial, com critérios específicos de biossegurança de serem seguidos, além de monitoramento de doenças específicas. Granjas de suínos que produzem animais destinados à terminação ou abate não possuem nenhuma norma oficial de biossegurança a ser seguida. Desta

forma, estes cuidados dependem exclusivamente das empresas integradoras e dos proprietários das granjas. O papel de médicos veterinários e zootecnistas é primordial neste ponto, que devem dar a devida atenção a esta emergente preocupação junto às cadeias produtivas, que pode trazer graves problemas de ordem sanitária e econômica.

PROLIFERAÇÃO

O javali é um animal que tem pouquíssimos predadores conhecidos, principalmente no Brasil. Devido a isto, e pelo cruzamentos com suínos domésticos, tem o tamanho e prolificidade aumentados em relação à sua linhagem mais pura, os originados da Europa e Ásia. As fêmeas podem parir até duas vezes por ano, gerando entre 04 e 14 filhotes a cada parição. Um macho adulto de linhagem pura atingiria 90 kg, porém após o cruzamento com suínos domésticos (estes são os mais comumente encontrados no país, os “javaporcos”) podem atingir em torno de 250 kg.

MEIOS DE CONTROLE

Capturas em gaiolas e armadilhas em adição à caça ainda são os meios mais eficazes de controle dos suídeos asselvajados, sendo os métodos autorizados no Brasil. No cenário atual, eliminar os javalis do país é bastante improvável. Sua inteligência e rusticidade são características que os mantém na natureza e os fazem ocupar inclusive o habitat de outras espécies nativas do Brasil,

como os catetos e queixadas. Está em ação desde 2017 o “Plano nacional de prevenção, controle e monitoramento do javali (*Sus scrofa*) no Brasil”, que visa conter a expansão territorial e demográfica do javali no Brasil e reduzir os seus impactos, especialmente em áreas prioritárias de interesse ambiental, social e econômico.

CONCLUSÃO

Os javalis representam potencial risco tanto para a saúde pública quanto para a saúde animal, e por se tratar de animais de vida livre e errante, podem acessar com facilidade rebanhos. Medidas como o incremento da biossegurança nas granjas comerciais de suínos e criatórios de subsistência, além de medidas de educação sanitária com técnicos, veterinários, zootecnistas, agrônomos, produtores e demais interessados acerca dos riscos do contato de suídeos asselvajados com os rebanhos domésticos (além dos impactos ambientais e prejuízos em lavouras), são de extrema importância para evitar a contaminação das criações comerciais.

AUTOR

Méd. Vet. Diego Rodrigo Torres Severo - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Produção e Sanidade Animal (PPGPISA) do IFC campus Concórdia. Atua como Responsável Regional de Defesa Sanitária Animal da CIDASC (Regional de Xanxerê). Em fase de conclusão de sua dissertação de mestrado, desenvolvido com estudos sorológicos, histopatológicos e parasitológicos em javalis abatidos em SC entre 2017 e 2018.

Os avanços na dermatologia veterinária



ARQUIVO PESSOAL

Adriano percebe a mudança no perfil dos tutores em busca de profissionais atualizados

A dermatologia veterinária representa de 30 a 50% da casuística na clínica de pequenos animais. Entre as doenças de cães e gatos são os problemas dermatológicos que somam a maior parte dos casos clínicos. Nas clínicas e consultórios, percebe-se cada vez mais o grau de exigência dos tutores em busca de profissionais especializados. Na avaliação do Médico Veterinário Adriano de Souza Neto, Mestre em Ciência Animal, com ênfase em dermatologia veterinária (PUC-PR), membro da Sociedade Brasileira e Latino-Americana de Dermatologia Veterinária e professor na UNISUL: “embora exista um número muito grande de veterinários no mercado, ainda é limitada a quantidade daqueles que trabalham exclusivamente neste segmento”, afirma.

A área da dermatologia veterinária exige constantes estudos, não somente pela complexidade e elevado número de casos clínicos, mas também pelas inovações constantes. “Às vezes, nós médicos veterinários atendemos casos complexos e difíceis, exigindo um alto e atualizado conhecimento técnico científico. Diante destes desafios, os veterinários devem buscar aperfeiçoamento em determinadas especialidades, proporcionando ao tutor a existência de profissionais qualificados, assim como na medicina humana. Também é importante o trabalho colaborativo e multidisciplinar, entre os veterinários clínicos gerais e os especialistas, disponibilizando um conhecimento mais aprofundado dentro da especialidade em questão, resultando em um

melhor atendimento ao paciente e tutor”, completa.

O grande número de casos na rotina clínica se deve ao fato da pele estar constantemente exposta a fatores de risco exógenos e desequilíbrios endógenos, manifestando sinais clínicos facilmente percebidos pelos proprietários. Muitas das doenças dermatológicas podem ser causadas por ácaros, fungos, bactérias e protozoários. Esta especialidade é nova, somente em 2018 o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) disponibilizou a Associação Brasileira de Dermatologia Veterinária (ABDV) na concessão do título de especialista. Em 2000, foi criada a Sociedade Brasileira de Dermatologia Veterinária (SBDV), a primeira entidade constituída na América Latina voltada para a especialidade.

A Médica Veterinária Raquel Mota da Silveira, explica que as doenças mais comuns são as atopias, ou seja, doenças alérgicas provocadas por alérgenos ambientais e que algumas raças são mais pré-dispostas que outras como o shih-tzu, yorkshire, maltês e golden, por exemplo. “O profissional mais qualificado é uma prioridade para esse tipo

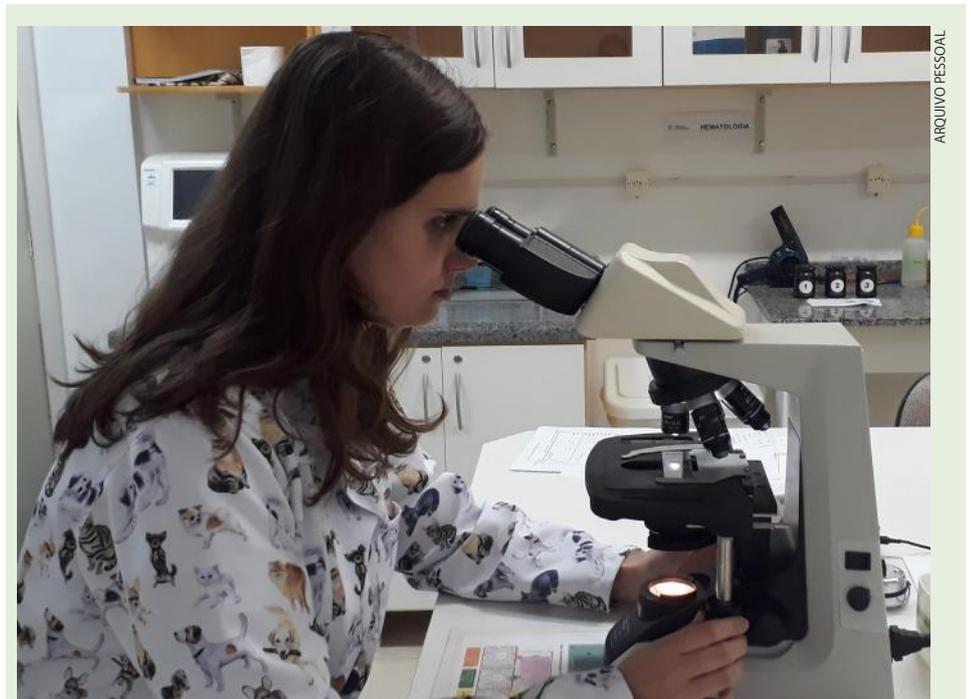
de cliente. Um grande problema é número excessivo de escolas veterinárias e consequentemente o aumento de profissionais, infelizmente mal qualificados e sem preparo, isso é arriscado demais”, afirma. Com 11 anos de atuação na dermatologia veterinária, a Médica Veterinária Mariana Teixeira Tillmann, Professora e Técnica do Hospital Veteri-

nário da UNOESC e Doutora em Sanidade Animal também percebe que o nível de exigência é cada vez maior entre os tutores. “O perfil mudou, hoje em dia os pets fazem parte da família e a cobrança aumenta. Além de exigirem um local com boa aparência e infraestrutura, também avaliam o profissional em relação as suas atualizações na área”, afirma.

Novo tratamento chega ao Brasil

Em relação ao que há de mais novo no tratamento da dermatite atópica, destaque para o Cytopoint, um anticorpo monoclonal lançado no Brasil em abril deste ano. “É um tratamento inovador e promissor para esta enfermidade que é um desafio, por se tratar de uma doença alérgica incurável, mas com controle dos sinais clínicos”, explica Mariana.

O Veterinário Adriano, que já está utilizando o tratamento, conta que esta “terapia de célula alvo”, tem como principal vantagem a praticidade da aplicação e redução dos efeitos colaterais em longo prazo. Diferente de um corticóide, por exemplo, que apesar de apresentar bons resultados, possui efeitos colaterais severos, consequentemente reduzindo a expectativa de vida dos cães. “Já fiz a aplicação em dezenas de animais e estou observando os resultados, até agora as respostas estão sendo positivas. Estudos científicos apontam para uma eficácia em cerca de 80% dos casos, mas são estudos feitos nos Estados Unidos. Aqui no Brasil, ainda



Mariana atua na dermatologia veterinária há 11 anos

precisamos de tempo para avaliar, mas a tendência é que se mostre uma terapia promissora e com excelente eficácia”, conta. Quanto aos exames mais modernos estão os testes alérgicos intradérmicos ou prick test, feitos também na medicina humana e começando na veterinária. “Estes testes, auxiliam no tratamento da dermatite atópica, testamos alérgenos ambientais como poeiras, pólen, gramas, tecidos, por exemplo. Para os antígenos que reagem no teste é

recomendado a imunoterapia, este tratamento é feito através de aplicação sistemática (subcutânea ou sub-lingual), em diferentes protocolos, de acordo com cada paciente e os antígenos testados. Os resultados desta terapia ainda são variáveis, com uma eficácia de aproximadamente 40%, segundo artigos científicos, entretanto, novos estudos tendem a melhorar a compreensão e eficácia da imunoterapia na medicina veterinária”, conclui Adriano.

TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS, ENTRE 07H E 08H,
EM 44 EMISSORAS DE RÁDIO DA ACAERT

"CRMV NO AR"



COMECE A SEMANA BEM INFORMADO!

PODCASTS DISPONÍVEIS PARA DOWNLOAD NO SITE:
www.crmvsc.gov.br